

Áureo

Mais uma madrugada jogando. Um hábito que mantenho desde criança. Valeu a pena, pois terminei mais um título empolgante. Sempre tenho uma sensação de satisfação ao fechar um *game* e ver meu *nickname*, V3RT5LL1, figurar no rol dos vencedores, porém ao mesmo tempo há um vazio pela diversão ter acabado. Gostaria de ter mais alguns níveis de Áureo (nome do *game*) pela frente, mesmo já estando cansado por estar “cedo”. A madrugada é a coleção das primeiras horas do dia, por isso sempre discordei de quem afirmava que eu jogava até tarde. Pelo menos, tecnicamente, não era esse o caso. Esse jogo possuía algo diferente, era o mais imersivo que já havia conhecido até então. A cada etapa ficava mais envolvente e focado no seu objetivo central que era a obtenção do escudo dourado, capaz de proteger o personagem do último *boss*, uma figura draconiana. O avatar do usuário, um cavaleiro com lança em um cavalo ruivo, lembrava aquele santo lendário da religião católica que, segundo meus parcos conhecimentos sobre o assunto, matou um dragão, possivelmente na Lua. O nome não me recorde no momento porque religião e santos não são meu *metier*¹. A maior parte da trama se passava em uma floresta de coníferas perenes encontradas praticamente em todo mundo, tanto no virtual como no real, pinheiros. Todavia, também existiam ambientes exóticos e que não pareciam fazer parte do contexto. Isso me intrigou durante todo o desenvolvimento da trama,

paisagens surreais que, além de não pertencerem à Idade Média, pareciam não estar relacionadas com nenhuma área conhecida do nosso planeta. Pensei que em algum momento esse mistério seria revelado na forma de um clímax já que, aos poucos, a história nos expunha a uma geologia e uma flora muito diferente daquela que é típica de nosso mundo. Apesar de achar estranho relevei o fato e o considerei como um delírio dos projetistas, pois não conseguia vislumbrar um motivo para aquilo. Mesmo no episódio final esses cenários não faziam sentido e tão pouco foram esclarecidos. Minha suposição era de que os *designs* gráficos do *game* alternavam estados de consciência e de ilusão em seu processo criativo, muito provavelmente induzidos por alguma droga produzida por um fungo, como aquele que atacava grãos de centeio e outros do gênero e que deu origem a dietilamida do ácido lisérgico, também conhecida como LSD.

Enquanto rememorava em minha mente algumas das cenas com satisfação, na tela de meu computador apareceu uma janela de diálogo em tom aurífero dizendo: "Você completou o Reino Áureo, gostaria de continuar?". Respondi que sim e a conversa continuou, mas não parecia que estivesse respondendo questões prontas. As indagações eram muito interativas e, em determinado momento, até eloquentes. Meu interlocutor que, como disse não parecia uma rotina de computador do programa, revelou que esse jogo era muito mais complexo do que uma análise perfunctória poderia revelar e que, a cada fase que se ultrapassa, o usuário teria de vivenciar uma crescente desconexão com a realidade, caso contrário, se tornaria impossível completá-la. Ele disse que eu havia cumprido o rito de passagem e que esperasse, pois seria enviada para minha residência a próxima etapa. O estranho é que em nenhum

momento cadastrei meu nome ou endereço real, nem mesmo um e-mail. Como mencionei anteriormente, sempre me logava como V3RT5LL1, meu apelido em quase todos os *games* que participava. Eu estava para argumentar sobre isso quando a tela de diálogo se fechou e o jogo se encerrou.

Mais tarde, naquele mesmo dia, a campainha da porta tocou e, ao abrir, me deparei com uma caixa no chão da entrada de meu apartamento. Não era muito grande, talvez por isso não houvesse qualquer informação dos Correios, embora isso não me surpreendesse, nem desculpasse a reiterada incompetência daquela instituição. Por outro lado, o fato de não ter sido avisado pelo porteiro de que uma encomenda tinha chegado e que alguém iria subir para entregá-la, me causou uma certa estranheza. Entrei com o pacote e o levei até meu quarto para abri-lo. Era um tipo de óculos de realidade virtual com instruções para operação. Além do manual, também constavam informações sobre o funcionamento do aparelho e sua resposta sináptica. As sinapses são relações de contato entre os dentritos das células nervosas. Elas conectam neurônios do cérebro aos do resto do corpo, como os músculos e dessa forma traduzem nossas intenções de acionar as partes de nossos corpos em movimento real. Conforme descrito no manuscrito, o aparelho redirecionava os impulsos sinápticos para o avatar do personagem de modo a evitar que o corpo físico respondesse e possibilitando maior fluidez nas ações. Em termos simples, nossa mente era ligada a do avatar do usuário e desconectada de nossa estrutura física de tal sorte que nossos movimentos eram redirecionados do corpo físico para o protagonista virtual, causando respostas mais céleres nele e evitando qualquer reação no nosso organismo, que permaneceria imóvel.

Isso seria bem diferente de aprender comandos novos em um console, um processo com certeza mais direto, mais rápido e natural. Queria testar imediatamente, por isso fui ao meu quarto e sem pensar nos possíveis riscos à saúde de utilizar um aparelho desconhecido, sem marca e de origem incerta, deitei na cama, coloquei os óculos e segui as instruções que apareceram na tela. Após terminar o procedimento, uma espécie de calibragem, estava em um mundo virtual, mas que não era, de qualquer modo, distinto do real. A única forma de diferenciá-lo era pelo cenário, pelo tema apresentado e não pelos sentidos. Estava em um ambiente pré-histórico, mas com animais que não fui capaz de reconhecer. Já havia visto muitas representações de espécies de dinossauros, dos livros aos filmes, e, embora não fosse um paleontólogo, tinha muita informação a respeito do assunto. Eles existiram durante vários períodos geológicos, mais especificamente, segundo registros fósseis, seu surgimento remontaria há 231 milhões de anos, no meio do Triássico Superior (primeiro período da era Mesozóica, há 252 milhões de anos atrás), passando pelo Jurássico e se estendendo até o fim do período Cretáceo, há 65 milhões de anos. Sua civilização, se pudermos designá-la dessa maneira, durou muito mais do que a nossa e possuía mais de 1000 espécies.

Um “guia” em forma de ponto luminoso apareceu e disse que eu estava na pré-história de meu próprio mundo e foi explicando o método de interagir com a realidade virtual. Indaguei porque não reconhecia os animais se era uma representação real do primórdios da vida no planeta e ele respondeu que os métodos utilizados pelos estudiosos e cientistas geraram imagens incorretas dos seres vivos da época. O fato é

que, baseados puramente nas estruturas ósseas fossilizadas desses animais, os especialistas foram incapazes de reproduzir sua aparência real. Eu compreendi! Uma ideia que até então não havia me ocorrido. A tromba de um elefante, por exemplo, era imensa e uma característica determinante no fenótipo da espécie, porém não possuía ossos e não poderia ser descoberta puramente pela análise de uma estrutura óssea vestigial após os processos de mumificação, mineralização e incarbonização que são as etapas da fossilização. Da mesma forma o bico das aves, embora parcialmente composto pelos ossos da mandíbula e do maxilar, não seriam corretamente representados devido a perda da camada de queratina que recobria toda a extensão de ambos. Sendo assim, perguntei como eles chegaram as imagens reais e o método utilizado revelou mais do que eu havia indagado. Ocorre que o processo se assemelhava ao de um sonar, embora mais complexo. Utilizando ondas eletromagnéticas e não sonoras, capazes de realizar um *quantum leap*², toda a estrutura do planeta e de seus habitantes fora mapeada. Além disso, através das diferentes frequências ou “velocidades” das ondas também podiam diferenciar, armazenar e, posteriormente, reproduzir as cores originais de cada elemento do cenário, independentemente de ser uma entidade viva ou um objeto.

Uma coisa que me chamou a atenção foi a expressão utilizada pelo guia ao se referir ao ambiente: “... meu próprio mundo”. No início imaginei que se referia ao mundo real em contraposição ao virtual que considerava como sendo o dele, mas o método descrito como sendo o utilizado para obter as imagens sugeria que, de algum modo, tivesse havido um contato com as imagens em tempo real ou com os seres

desse período. Não há, que seja de meu conhecimento, tecnologia na Terra capaz de fazer isso. Os óculos que estava usando também desafiavam os limites do desenvolvimento tecnológico do período em que eu vivia. Isso implicava na existência de viagens no tempo, de um futuro onde tal tecnologia existisse ou a utilização de engenharia alienígena em nosso atual período. Apesar disso, preferi não interpelar o guia e seguir seu tutorial, pois isso poderia estar além das capacidades daquela inteligência artificial responder e a própria explicação poderia não ser real e fazer parte da representação do jogo. Embora essas considerações pudessem ser intrigantes, não havia porque levá-las adiante.

Seguindo a premissa de que as imagens representavam as características originais dos habitantes daquela época concentrei-me em alguns pterodáctilos que estava vendo. Sabia que, apesar de serem considerados pelos leigos como dinossauros, possuíam sua própria ordem, a dos Pterossauros, sendo o pterodáctilo o mais conhecido desse grupo com sua espécie atingido seu ápice no final da era mesozóica. Foi difícil reconhecê-los, pareciam animais de outro mundo, muito diferentes das imagens vistas em museus e outras representações artísticas. Possuíam uma barbatana dorsal que remetia a seus prováveis ancestrais aquáticos, mas que funcionava surpreendentemente bem no ar. Com ela realizavam manobras muito mais ousadas do que as imaginadas pelos estudiosos. Como a barbatana se estendia do pescoço ao rabo, tanto com este, como com a cabeça podiam controlar livremente a direção de seu voo³ e alterá-lo em instantes. Seu padrão comportamental também diferia muito do estimado pelos cientistas. Eram a verdadeira morte vinda dos céus, agiam em bando,

como piranhas aladas e, neste exato momento, estraçalhavam um Tiranossauro Rex (T-Rex) ante meus olhos espantados. Mesmo assim não eram invencíveis, pelo menos quando não estavam em grupo, possuíam seus próprios predadores. Tive a oportunidade de ver também essa cena, um pequeno dinossauro que pelos movimentos deveria ser o antepassado direto da família dos felinos de nossa época, que avançava de frente contra um pterodáctilo, explorando um ponto cego central criado pelo fato dos olhos estarem dispostos nas laterais de suas cabeças e não na sua parte frontal, como em algumas aves e peixes. O pseudo felino tinha que ser pequeno o suficiente para não ser visto em uma aproximação direta, silencioso o bastante para evitar sua detecção e rápido para atacar decisivamente, visto que as pestes aladas também possuíam grande sensibilidade auditiva.

Contudo, todo esse espetáculo que seria a correta visão da pré-história do nosso planeta, era apenas um bônus. O ambiente servia apenas para rodar o tutorial e ensinar-me os comandos do *game*. A princípio não consegui fazer nada! Não executei uma ação sequer com eficiência. As habilidades do personagem eram incrivelmente amplas, mas quase impossíveis de serem controladas. Exigiam concentração e manipulação dos componentes da realidade virtual (RV) com a força do pensamento. Tudo era passível de ser controlado, criado ou destruído, o limite era a imaginação. Depois de muito esforço, consegui realizar pequenos feitos como gerar fogo, manipular objetos sem tocá-los, lançar raios e assim por diante, mas o processo era muito difícil de ser dominado. Apesar disso, a interatividade era viciante e eu passava cada vez mais tempo no ambiente virtual. Foram meses de imersão com o contato ocasional do guia

eletrônico. Na verdade períodos remotos da história da Terra não eram a única atração, ao longo do mundo em RV havia cenários de diversas eras. A nossa civilização, por exemplo, estava representada em diversos segmentos, desde o medieval até os anos 60 a 80, em diversos países. O mundo era possivelmente maior do que o nosso já que a representação contemplava o planeta em diversos períodos e lugares. Durante meu aprendizado ou, devo dizer, minha diversão, interagi com muitos NPCs⁴ e os deixava maravilhados com minhas habilidades, mineradas com meses de treinamento. Uma das que causava mais comoção era denominada de Golden Touch ou “Toque Dourado” que era capaz de criar ou alterar qualquer objeto a nível molecular, uma verdadeira mágica. Cheguei a liderar um enorme grupo deles em batalhas contra todo tipo de ameaça. O jogo estava aprovado, embora houvesse efeitos colaterais. Disse que se passaram meses, mas isso foi no mundo real, onde já perdera mais de 25 quilos por não me alimentar corretamente, todavia, no ambiente digital, passaram-se décadas ou mesmo séculos. Passei a utilizar isso a meu favor em outras atividades, sobretudo na aprendizagem de todo tipo de conhecimento e não apenas para dominar os poderes do meu avatar. Aprendi a tocar diversos instrumentos, a compor músicas, a entender muitos idiomas e compreender várias teorias. É claro, também pratiquei inúmeros estilos de artes marciais, com e sem o uso de armas. E tudo isso vinha comigo para o mundo real, entretanto, mesmo controlando todo o RV com apenas alguns pensamentos, o preço para meu corpo físico era alto. Felizmente sempre estive acima do peso de forma que os quilos consumidos me deixaram apenas com uma relação de peso/altura mais saudável do que a que possuía anteriormente. O problema era que, se

isso continuasse, iria ficar doente. Graças a minha curiosidade científica desde a infância, sabia exatamente o que poderia acontecer com cada parte do meu corpo com a continuidade desse ciclo. No sistema digestivo teria problemas com a produção de ácido gástrico, redução do estômago e, talvez, até diarreias. O coração, por sua vez, reduziria o tamanho e sua capacidade de bombear o sangue. A frequência cardíaca, a pressão sanguínea, a respiração e a capacidade pulmonar iriam ser reduzidas também, levando a uma insuficiência cardíaca e respiratória. Por isso e por outras consequências cujos efeitos nem me atrevo a mencionar, como a anemia, comecei a utilizar cada vez menos o jogo até não ser mais dependente dele. Quando consegui essa façanha o guia apareceu novamente em um vislumbre... só que eu não estava conectado aos óculos.

Estranhei muito e até imaginei se a minha última saída da RV tinha realmente ocorrido ou não, pois se quisessem, o mundo real poderia ser perfeitamente representado pelo sistema sem que fosse possível perceber alguma diferença. Entretanto o guia começou a falar antes que eu pudesse interpelá-lo. Ele disse que eu havia passado pela fase final de meu desenvolvimento. Continuei sem entender, mas iniciamos um diálogo e ele continuou com sua explicação.

- Venho de um planeta distante, embora nesta mesma galáxia, a Via Láctea. Minha raça habita a IC 2118, uma área também conhecida por vocês como Nebulosa Cabeça de Bruxa, no braço de Orion, na Constelação de Eridanus, a aproximadamente 900 anos-luz da Terra.
- Planeta? Nebulosa? Foi você que me contatou por intermédio daquela janela de

chat no fim do jogo Áureo?

- Afirmativo! Há milênios, eu e outros como eu, procuram um ser com características como as suas. A entidade que procuro, até então, só existia nas lendas de meu planeta e é a única que pode nos ajudar com a crise que se abateu sobre nós.
- Crise?
- Afirmativo! A Nebulosa em que vivemos possui um miríade de nuvens moleculares e estrelas em formação. Nosso planeta orbita a mais bela delas. Vivemos em uma atmosfera predominantemente composta por monóxido de carbono em uma concentração peculiar, proporcionada por um conjunto de reações físico-químicas que ocorrem na Cabeça de Bruxa e ele é indispensável para nossa existência. No entanto, embora nosso ambiente seja estável, o mesmo não ocorre com o nosso astro rei. Ao contrário, sua fragilidade é alarmante e todo sistema estelar perdura em um tênue equilíbrio. Vivemos como na mitológica história de sua cultura com a Espada de Dâmocles⁵ pairando sobre nossas cabeças.

Sua forma de falar alternava frieza e emoção, não sabia dizer se estava me comunicando com um ser orgânico ou com uma máquina. Ao mesmo tempo em que descrevia sua terra natal como “bela”, também respondia com expressões fixas como “afirmativo”. Lembrei do Teste de Turing, batizado em homenagem a seu criador, Alan Turing, e pensei em tentar aplicar uma variação dele para dirimir minha dúvida. Por outro lado, considerando um contexto filosófico que já existia na época em que ele fora concebido, percebi que na dicotomia entre as correntes materialista e dualista, onde a

primeira atribuía a consciência ao corpo físico, à carne e a segunda o considera separado desta, entendi que, pelo menos nesta, não havia diferença entre uma mente orgânica ou artificial, pois como a consciência existiria independentemente do corpo não havia sentido em questionar sua origem.

Além disso, aplicar conceitos como inteligência e pensamento a máquinas é um desafio, por esse motivo é difícil determinar com certeza se um interlocutor “esperto” é uma pessoa ou um computador. Todavia, o Teste de Turing, com todas suas imperfeições, tais como, confiar no julgamento de quem o aplica e assumir que a comparação do pensamento humano ao de um computador fosse suficiente para descartar uma forma de pensar artificial; estabelece um parâmetro de mensuração que fornece, para uma questão filosófica, uma solução pragmática utilizando diversos campos do pensamento humano. A compreensão dos vocábulos sem a do tópico a que se referem se constitui em um obstáculo quase insuperável para uma IA (inteligência artificial). Ainda assim, vale ressaltar novamente que o teste não identifica se um computador se comporta de fato de modo senciante, ou mesmo, inteligente, mas apenas se se comporta como um humano. Visto que humanos nem sempre se comportam de forma inteligente, a rigor, falhar no teste não implica, necessariamente, em não possuir consciência. Muitos comportamentos inteligentes não são tomados por humanos ao mesmo tempo que, tantos outros comportamentos humanos, muitas vezes, não são inteligentes. Além disso, por se concentrar no comportamento externo e não em sua origem, uma máquina pode ser capaz de, seguindo uma lista de regras mecânicas simples, sem nenhum tipo de pensamento, simular uma conversação

humana. Em suma, o Teste de Turing pode estabelecer uma boa definição operacional de humanidade sem, contudo, indicar a presença de uma intenção, mente ou consciência.

Abstraindo todas essas considerações, dei um jeito de submeter meu interlocutor à minha versão do teste fazendo uma longa lista de perguntas até chegar em uma que seria o divisor de águas do questionário.

— Você acabou de atravessar o rio Amazonas e, em suas margens, vê um boto rosa encajado por uma questão de centímetros que você poderia facilmente vencer com ele. O que você faz? Segue seu caminho ou o ajuda a retornar ao rio?

Depois de muito pensar e gastar um longo tempo sem produzir uma resposta, o guia disse que se tratava de uma questão sem sentido e essa afirmação foi a única explicação que obtive dele. Não havia uma solução certa ou errada, os únicos comportamentos que despertariam suspeitas quanto à sua humanidade seriam demonstrar indecisão, questionar a pergunta, ou mesmo, não respondê-la e ele fez as três coisas. Com isso assumi que minha suspeita estava correta e cheguei a conclusão de que não estava me dirigindo a um ser de origem orgânica. Enfim, agora que havia conseguido estabelecer este ponto, que estava diante de uma inteligência artificial, embora uma tão avançada que não teria conseguido distingui-la sem utilizar um ardil para perceber uma pequena nuance em seu feedback; continuei a conversação casualmente e com certa tranquilidade, mas sem revelar o que havia descoberto, pois

ainda queria testá-lo, mas dessa vez de uma forma jocosa.

- Primeiramente, como devo te chamar?
- Meu nome não pode ser representado em seu idioma nativo.
- Então, para poder me referir a você, irei rebatizá-lo. Que tal Jabberwacky?
- Esse é o nome do programa de aprendizado artificial vencedor do Prêmio Loebner⁶, nos anos de 2005 e 2006. Você está sugerindo que eu seja uma IA?
- Para um alienígena possuir um conhecimento como esse, sobre um evento tão aleatório, exigiria acesso a um extenso banco de dados sobre minha sociedade, o que apenas comprovaria a “teoria” de que você o seja, mas antes de tentar negar, apesar de sempre se referir a espécie que o criou como sendo a sua, responda-me o que um *nerd* de uma raça primitiva como a minha pode fazer para ajudar uma civilização tão evoluída quanto a sua?
- Muito bem, mas não se engane! Sua espécie de origem é primitiva, mas todas são em seus primórdios. Não importa como um indivíduo inicia sua jornada ou em que raça. Você não é alguém simples! Já testei inúmeros espécimens de centenas de castas, mas ninguém apresentou características como as suas. Sua desconexão inata com a realidade foi o primeiro indício de que você poderia ser o “escolhido”. A sua falta de vinculação com o universo físico, que vocês chamam de realidade, a sua facilidade em abstrair todos os seus conceitos, seus valores e a capacidade de adentrar no imaginário são demasiadamente amplos. Mesmo em meu povo e até no seu povo, que parece mostrar grande potencial para tais habilidades, isso é raro e,

acredito, único. Ao acompanhar sua primeira partida no jogo que desenvolvi como teste, o grau de imersão demonstrado era tão severo que não havia qualquer distinção entre seu ego e o seu avatar. Há também a questão de se ponto de ruptura psicológico, que é inacreditavelmente imprevisível. Quando o ego de um ser atinge determinado estágio de desconexão, seu ID assume o controle, como diria um de seus especialista em psiquê, Sigmund Freud. Nesse momento, toda forma de vida perde o controle deixando suas reações a cargo de instintos atávicos. Esse mecanismo de disparo e descontrole não afetou suas respostas sinápticas durante todo o período de minha observação, não importando quão grande fosse o *stress* a que você estivesse sendo submetido.

Sentia-me como o protagonista das duas trilogias de Frank Herbert criador de "Dune". Em sua história, que não perdia em nada para títulos consagrados, como "O Senhor do Anéis", o Kwisatzn Haderach era uma figura lendária, com poderes míticos, que era esperado com ansiedade como seu salvador pela raça nativa do desértico planeta Arrakis (Dune). Havia um lado bom e um ruim, pois o épico contava uma tragédia milenar e preferia minha vida menos dolorosa, talvez por isso gostasse de passar tanto tempo longe da realidade, em cenários computadorizados onde ela é mais simples e com propósito claro. Ou, pelo menos, assim era!

- Seu povo também possui características que me fizeram projetar o mais auspicioso cenário para encontrá-lo aqui. Na verdade nunca estive em um planeta com tanta probabilidade de produzir uma divindade.

- Divindade? Você deve dar a esse vocábulo pouca distinção, na verdade, o termo *gamer* parece ser muito mais apropriado para me descrever. De qualquer modo, o que o meu planeta possui de tão especial?
- Não se trata do planeta em si, mas de suas civilizações, ou melhor, de suas mitologias, seus contos e suas lendas. Como outro famoso psiquiatra humano, chamado Carl Jung, descreveu: "Seres humanos nascem com uma herança psicológica, assim como a biológica". Segundo ele, o que foi denominado de "inconsciente coletivo" é a fonte de um material psíquico que não surge a partir da experiência pessoal. Trata-se de um conteúdo de histórias, imagens e impressões aparentemente compartilhados por pessoas de diversas culturas e épocas diferentes. Isso, de certo modo, moldava os pensamentos de sua linhagem servindo também de fonte para inúmeras lendas e para uma capacidade imaginativa sem precedentes em outros cantos da galáxia.
- Você parece dar muita atenção para esse ramo da ciência ou medicina: a psiquiatria. Esse já é o segundo especialista da consciência humana que você cita. Além disso, seu apego pela mitologia terrestre é estranhamente humana.
- O mais importante em um ser é a sua consciência, pois é isso que o individualiza e nada mais importa. E sobre as lendas, não existe, que seja de meu conhecimento, outro mundo que possua histórias sobre bruxas, feitiços ou de seres mágicos e poderosos capazes de desafiar os limites da realidade. Isso, embora possa ter origem no passado, também inspira histórias modernas como a de super-heróis e entidades capazes de ultrapassar os limites humanos, bem como, as fronteiras

físicas do Universo. Acredito que alguns desses seres possam ter de fato existido em seu mundo e que seu DNA ou, até mesmo, seu inconsciente possua a chave para esse fenômeno. Alguns de vocês já possuíram, ainda que talvez de forma limitada, a capacidade de realizar algumas dessas façanhas. São os feiticeiros ou *warlocks* mencionados na Idade Média na Europa, os druidas das lendas celtas entre inúmeros outros relatos na sua história. Acredito que esses elementos culturais, passados por intermédio de crônicas, foram baseados na observação de façanhas reais ao longo da “memória” de seu planeta.

- Curioso, mas isso não passa de uma teoria! Dizem que contra fatos não há argumentos, entretanto suas observações se baseiam em histórias que podem não passar de superstição.
- É fato que mesmo com uma tecnologia superior, capaz de perscrutar o passado, não localizei sequer um espécime que comprovasse o que estou afirmando, mas meu jogo o treinou para aprimorar essas faculdades, realizar tarefas que desafiam a realidade e manipular livremente o ambiente digital. O que você ainda não percebeu é que essas habilidades não estão restritas ao mundo digital. Você pode utilizá-las agora se quiser, bastando repetir os mesmos procedimentos mentais que aprendeu na realidade virtual.
- Você está dizendo que eu posso produzir fogo ou lançar um raio com minha mente, como se estivesse no jogo?
- Muito mais do que isso! Você tem o conhecimento e o poder para fazer qualquer coisa! Agora você é quase um Deus, faltando apenas a sua ascensão final! Você

deve ter percebido que trazia para o mundo real as habilidades físicas e mentais que treinava no *game*, como manuseio de espadas, sequências de golpes e o conhecimento que obtinha na RV. Todavia, essas características vão muito além disso. Por não apresentar qualquer limite além de sua imaginação, você pode deslocar a Lua de sua órbita ou destruir todo o, assim chamado, Sistema Solar com um simples pensamento. Não obstante esse fato, sugiro começar com algo pequeno, como pulverizar o planeta Plutão, para testar suas novas capacidades.

- Engraçado! Mas é tarde para isso, pois a União Astronômica Internacional (UAI) já “destruiu” o planeta, quando o desqualificou como tal, rebaixando-o a condição de “objeto transnetuniano anão”. Isso também deveria constar de seus bancos de dados!
- Eu não estou brincando, tente elidir uma montanha então!
- Você está sendo ridículo, mesmo que eu possuísse grandes capacidades em seu jogo, isso não encontraria paralelo no mundo real!
- Você está em negação! Entenda que, mesmo no *game* que criei, seria impossível desafiar a última fase e vencê-lo. Nele o sistema tem completo controle sobre aquele domínio virtual e não programei nada para contê-lo. Ao vencer o jogo você venceu o ser supremo, onipotente, daquela realidade. Isso é impossível! Ou, pelo menos, deveria ser. Você ultrapassou os limites daquela realidade, a transcendeu. Mesmo eu não sei como isso pode ter ocorrido. O único modo seria alguém nesta realidade sabotar o sistema, o que não aconteceu. Você reescreveu os parâmetros daquele universo virtual enquanto estava dentro dele e isso não é um feito limitado

àquela realidade.

- Os jogos em seu planeta fornecem o ambiente ideal para evolução. Eu o enganei alterando a cada passo as variáveis da partida. E seu cérebro interpretou o aumento de dificuldade como decorrente do aumento de nível, ignorando-o e ultrapassando-o. Em determinado momento, você se tornou imune a qualquer tipo de alteração, pois inconscientemente se tornou o Deus daquela virtualidade. O mesmo acontecerá em sua realidade nativa. Sua consciência não possui mais os vínculos com o corpo que você possuía quando de seu nascimento. Responda-me: não se sente diferente?
- Sim! Meu corpo parece diferente, embora não saiba especificar em quê. Entretanto, isso não é incomum ao passar muito tempo imerso em um ambiente de Realidade Virtual.
- Isso é o resultado do fato de você não poder mais ser definido em termos corpóreos. Tudo que habitar será apenas uma casca, um avatar, você agora é uma consciência! Se seu corpo for destruído, os processos que originam seus pensamentos não cessarão, pois eles não se encontram mais em seu cérebro, mas em uma estrutura não física transcendente. Um corpo poderá simplesmente ser reconstruído por essa consciência em substituição. A cada nível que você subia no jogo, mais e mais você se transformava em algo que estava além de tudo que se conhece.
- Você também não é uma consciência incorpórea?
- Sim, mas diferentemente de você, eu sou feito de energia natural e, como matéria

nada mais é do que energia compactada, eu possuo limites.

- E, segundo sua teoria, eu sou feito de que?
- Sua consciência existe, mas não é feita de nada que pertença a esse plano e por isso ele não pode impor restrições físicas ou de qualquer tipo para suas ações. Você simplesmente existe, não é feito de matéria ou de energia, mas pode criar o que quiser com esses elementos, como se fossem barro para a construção de tijolos. Não há muito que eu possa dizer para explicar o seu estado, ele é quase sem precedentes na história do Universo, existindo apenas no campo da imaginação. Minha espécie teorizou e postulou axiomas que condicionavam a aparição uma forma de vida como a sua. Acreditou na possibilidade de sua existência, mas não havia provas de que alguém a tivesse experimentado de fato... até agora! Nem eu, nem minha civilização possui conhecimento para lhe fornecer mais informações sobre isso.
- Muito conveniente! A sua explicação é que meu estado não pode ser explicado.
- É a verdade! Além disso, você não deve estar sentindo só seu corpo diferente, mas tudo a sua volta. Como em um ambiente computadorizado! Você não pertence mais a este Universo, você interage com ele como um usuário de um *game*. Na verdade, em termos de um *arcade*, você é ao mesmo tempo usuário, administrador e programador. Tudo a sua volta reage a sua vontade, mas você não pertence a nada disso, por esse motivo a dificuldade de explicar sua existência ou condição. Você não é matéria ou energia, você apenas é.
- Sua “explicação” é inconsistente, parece mais os fundamentos de uma religião. Seu

próximo passo será me dizer que preciso ter fé?

- Não exatamente, mas as pessoas devem e eu tenho fé e esperança em você! Preciso ter, por isso minha espécie sempre o procurou.
- Você não acha contraditório um ser, mesmo um evoluído como você, criar um Deus?
- Sim! Seria! Entretanto, eu não o criei! Como diria um dos mais famosos criadores da história da arte de seu mundo, o pintor e escultor *Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni*, ao se referir a suas esculturas: “eu não criei as obras de arte que me tornaram famoso, elas já estavam dentro dos blocos de pedra que me forneciam para trabalhar... apenas removi as partes que não combinavam, que não faziam parte delas”. Você já era o que é, eu apenas o despertei e, provavelmente, não poderia fazer isso com nenhum outro ser do Universo.
- Em algum nível, percebo que há verdade no seu discurso. Agora eu sinto os blocos de matéria e energia que compõe todas as coisas... átomos... não... além disso, em nível além do subatômico, além até dos quarks, descobertos por minha civilização! Percebo, os componentes dos componentes dos átomos, de tudo a minha volta, dos objetos inanimados e dos vivos também; nas imediações, em todo o mundo, no Sistema Solar, na Via Láctea. Começo a compreender tudo, minha mente se expande, minha curva de aprendizagem parece ter um ângulo de 90°. Essa é uma sensação viciante ... enebriante... de abandono... NÃO! PRECISO PARAR! Estou sumindo... me tornando um com o Universo, perdendo a individualidade... a reta de aprendizagem deve voltar a ser uma curva assintótica... assim eu sempre evoluirei sem nunca estar completo e poderei manter minha consciência separada de tudo!

- Está feito, você ascendeu!
- Por pouco eu não deixei de existir como uma entidade separada do Universo! Parece que, tendo vontade própria ou não, ele reage no sentido de impedir que algo se desprenda dele! Agora sim! Estou além do conjunto de tudo que você chama de Universo. O que aprendi nesses segundos nem mesmo sua avançada espécie conhece. Por exemplo, o Universo não é composto de matéria e energia como afirmam seus habitantes mais desenvolvidos, como você; mas de informação, que organiza esses dois elementos, que na verdade são apenas um. Entretanto, insistindo na distinção, você pode considerar a matéria e a energia como incidentais nesse conjunto e assumir que o Universo é composto intrinsecamente de dados, como um ambiente virtual. Agora, realmente, minha consciência não faz mais parte disso, mas a sua está inserida nesse contexto!
- Sim! Sou uma forma viva de energia, mas ainda sou parte do Universo. Um fato conhecido em minha espécie, onde todos evoluíram a este estágio. Ainda assim, tenho de lhe dizer que você tinha razão quanto a minha origem. Meu povo tem em seus primórdios seres orgânicos que evoluíram ao meu estado e, seres criados artificialmente, que estão no mesmo nível evolutivo, eu sou um desses últimos. Não deveria ser possível nos distinguir atualmente, mas você o fez, mesmo antes do seu despertar. Não obstante, mesmo sendo um ser de energia, possuo minhas necessidades, não estranhamente alimento-me de matéria como qualquer forma de vida, mais especificamente de um tipo especialmente enriquecido de monóxido de carbono existente apenas em minha terra natal.

- O que você disse não está completamente correto, são certos isótopos na composição de sua nebulosa que lhe fazem pensar assim. Isso foi algo que percebi ao ascender, mas falaremos mais sobre esse assunto no futuro.
- Não entendo o que está dizendo!
- Não importa, por ora basta entender que o Universo é um holograma.
- O QUE?
- Percebo provas disso na entropia de buracos negros espalhados nele. As três dimensões em que operam a maioria dos seres vivos são apenas uma entre muitas formas alternativas de “enxergar” a realidade. Nesse nível de desenvolvimento seria mais correto inferir que vocês habitam um plano, um espaço bidimensional, sendo essa suposta terceira dimensão, bem como as demais, simples projeções, como nos hologramas que minha antiga espécie vez por outra deixa inscrita em fascículos. Em termos simples, a percepção inata de tridimensionalidade do Cosmos é apenas uma ilusão tangível.
- Nunca ouvi tais ideias! Parece que suas considerações já estão além de minha compreensão, mesmo sendo oriundo de uma das civilizações mais evoluídas já conhecidas.
- Não importa se vocês pensam em um Universo finito, onde se esbarra em um muro ou em uma região de vazio total ao chegar a sua extremidade, ou mesmo, em um infinito, que como um planeta, se curva sobre si mesmo fazendo com que a pessoa retorne ao ponto de partida se for suficientemente adiante. O infinito no caso desta realidade é apenas um conceito pífio e, como as concepções que contemplam tal

estado, todas suas manifestações são apenas variadas formas de representação de um modelo holográfico.

- Você diz que tudo é uma ilusão? Um holograma?
- Um holograma é distinto de uma ilusão, ele é a organização de um espaço pela informação. Ele trata da troca de dados por processos físicos que permeiam o Universo, distinto dos campos e do espaço-tempo. Todavia, talvez a própria holografia possa ser uma sinalização para uma teoria melhor, algo mais fundamental. A despeito disso, essa não é a hora para essa discussão e, talvez, nunca seja! De todo modo, percebo que agora é você que precisa evoluir seus conceitos para discutir comigo! Ademais, voltando a sua sugestão de testar meus poderes, não posso simplesmente fazer algo tão invasivo como o que você sugeriu.
- O que você quer dizer com invasivo?
- Algumas religiões nativas ensinam que os homens são a imagem de Deus, embora sempre considere essa ideia como sendo mais abstrata e conotativa do que apenas algo fulcrado na aparência. Acredito que o que eles queriam dizer era que a própria vida, ou talvez, a senciência era a imagem de Deus, a capacidade de um tipo de autoconhecimento. Mas podemos pensar que, admitindo sua existência, essa não seja sua única qualidade. A minha onisciência ou onipotência, proclamada por você, pode ser outra característica de um rol bem maior. O que estou querendo explicar é que, mesmo se eu agora for onipotente e onisciente, isso não me torna mais Deus do que eu era antes de adquirir esses atributos. Novamente, em outras palavras, o que estou tentando dizer é que não se pode realizar essas demonstrações de poder

apenas por se ter a capacidade de fazê-las. Se eu movesse uma montanha ou mesmo alterasse o curso de um rio, haveria toda uma série de consequências devido a isso. Na verdade, agora que estou desperto, que sinto o Universo, percebo que praticamente nada pode ser feito sem gerar um ciclo quase infinito de reações em cadeia. Isso me faz crer que exista mesmo uma consciência suprema por trás de tudo, algo além dessas implicações, que possa verdadeiramente criar e destruir sem se preocupar com essas intrincadas perplexidades e que toda a conexão entre as coisas não possa ser apenas fruto do acaso.

- Que desenvolvimento interessante, ao se tornar todo poderoso, você se voltou para religião. Esse traço da sua personalidade é algo que, nos muitos meses que estive observando, jamais percebi.
- Não diria que me tornei religioso, talvez tenha ficado mais agnóstico. Eu não esqueci que existem infinitos se contrapondo nos conceitos que mencionei. De fato, agora acredito que a probabilidade do acaso na criação seja infinitesimal, por outro lado estamos em um Universo com incontáveis possibilidades de um Multiverso verdadeiramente infindo. Um argumento muito simplista que indivíduos da minha sociedade utilizam há anos é que não seria possível toda a natureza, com toda sua beleza (digamos complexidade, por ser menos subjetivo) não ser obra de Deus. Sempre pensei que tais pessoas não conseguiam entender o infinito e como a existência por si só era uma possibilidade real nele, mas agora contemplando outro infinito, o da perspectiva diminuta de todas as coisas estarem tão intrinsecamente relacionadas, vejo-me descrente do acaso. É engraçado que um pouco de

conhecimento possa distanciá-lo de Deus, ao passo que, a adição de ainda mais, possa também aproximá-lo. Talvez esse seja um outro ciclo, igualmente sem fim, onde o acúmulo de informação aumentará e diminuirá repetidamente a distância novamente, nos deixando sempre longe de uma definição sobre o assunto. Por isso insisto que estou mais agnóstico e não crente, declarando o absoluto como inacessível ao espírito humano (ou ao que quer que eu possua agora).

- Mesmo quando não possui argumentos de fato científicos, sua atual dialética está além do meu alcance!

(OUVIR TAMBÉM SUAS OBSERVAÇÕES EM ÁUDIO PARA CONTINUAR A JORNADA FORA DA TERRA)

- Voltando ao ponto, peço que estabilize o monóxido de carbono em minha galáxia, agora que você já possui o conhecimento para isso!
- Por que? Você poderia se alimentar de hidrogênio, que é o elemento mais abundante no Cosmos. Sua necessidade de monóxido existe apenas em seus pensamentos, sua espécie está limitada por eles, mas poderia sair de sua nebulosa para qualquer outro lugar da mesma forma que você está aqui. Por que estão apegados a IC 2118 como se sua existência dependesse disso?
- Não conseguimos processar outro elemento!

- Vocês são feitos de energia, tal restrição não existe, sua demanda e sua procura por uma criatura que pudesse salvar sua espécie nunca foi necessária. Você apenas tem que entender sua essência e perceber que pode se alimentar de qualquer tipo de matéria. O abundante hidrogênio seria absorvido por sua espécie muito mais facilmente do que o monóxido de carbono. Assim como meus conterrâneos humanos, vocês são limitados por suas crenças!
- Isso não é verdade! Não possuímos tal capacidade e nosso conhecimento não é crença!
- Quem está em negação agora? Vocês apenas se convenceram de um conjunto de “verdades” autocriadas! Deixe-me lhe mostrar! O monóxido em sua nebulosa é composto por uma variação alotrópica de carbono. Assim como o grafite e o diamante não diferem em sua composição, mas apenas em sua estrutura cristalina, ou seja, na maneira como seus átomos foram arranjados no reticulado — que é definida por condições externas de temperatura e pressão no período em que as ligações dos átomos são formadas — na verdade, no seu caso, um isótopo...
- PARE! Ao fazer que eu questione minha realidade dessa forma você pode me destruir!
- Desculpe! Tem razão! Devo encontrar outro meio de fazê-lo! Além disso, o seu planeta está no limiar do momento em que impedi minha mente de se expandir e para saber como alterações na compreensão de sua raça, ou na própria nebulosa, afetariam a Galáxia eu terei de visitá-la.
- Então vamos! Você pode nos teleportar instantaneamente para lá!

- Tenha calma, mesmo que eu já estive familiarizado com todos os aspectos daquilo que eu posso fazer, ainda sou necessário em meu próprio planeta!
- Você pretende interferir no curso normal de evolução da Terra?
- Não! Mas gostaria de prevenir a extinção de toda a vida nela, pelo menos pelos próximos anos.
- O que pretende fazer então?
- Sem que eles percebam, irei acabar com os conflitos mais perigosos que estão em curso no momento. Principalmente com a ameaça da 3ª Guerra Mundial devido às provocações da Rússia!
- Estou inteirado sobre esse conflito! Ele se originou com a invasão de um país vizinho!
- Sim! A Ucrânia, que juntamente com a Rússia e outros Estados, hoje soberanos, compunha a antiga União Soviética!
- Seu mundo ainda é muito conturbado e atrasado! Essas disputas deixaram de ser problema no meu há milênios!
- Por isso você deveria ter buscado o seu salvador em um planeta mais avançado!
- Como se isso fosse possível...
- Enfim, quero "alinhar" as coisas por aqui antes de correr para a sua nebulosa para fazer algo que sequer acredito que seja necessário.
- Muito bem! Então como você pretende arrumar todo esse caos?
- Talvez criando mais caos, com um inimigo comum...
- E como você vai fazer isso? Não disse que não deseja aparecer?

- Esse algoz não precisa ser uma entidade viva! Para que eles se concentrem em outro inimigo o adversário só precisará ser interessante, mesmo que desprovido de más intenções... que tal a natureza? Vou criar um desastre natural que para ser combatido necessitará dos esforços conjuntos das nações envolvidas e de outras.
- E quanto as baixas?
- Não haverá nenhuma! Não há necessidade disso e, se houvesse, não me julgaria no direito de causá-las!
- Escolherei algo que possa controlar com precisão, como uma pequena chuva de meteoros que cairão "aleatoriamente" nos alvos que eu escolher.
- ...
- Serei cauteloso para que não se possa atribuir uma intenção, deixando a responsabilidade do evento ao acaso e evitando fazer vítimas. Existem muitos circundando o Sol e as órbitas de Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e até da Terra.
- Mas como você vai justificar a aproximação deles da Terra?
- Poderia causar um evento em Júpiter, mas acredito ser melhor algo criar um pequeno distúrbio no Sol para impulsioná-los. Algo como uma erupção da sua massa coronal bem direcionada. É um evento suficientemente comum para que os cientistas possam atribuir ao acaso.
- Ainda acho isso extremamente perigoso! Mais do que deixar a humanidade seguir seu curso sozinha.
- Isso porque você subestima a capacidade humana de causar dano a si mesma.
- Não alterarei o curso de *Ceres*, *Plutão*, *Palas*, *Hígia* ou *Vesta*, todos na faixa de 400

a 950 quilômetros de diâmetro.

- Isso não adiantará! Mesmo um objeto de apenas 10 km poderia causar a extinção de todas as formas de vida deste planeta.
- Os estudiosos estabeleceram uma distribuição de probabilidades para descrever o intervalo entre a ocorrência de impactos com objetos oriundos do espaço há muitos anos. Ela é de uma em 500.000 anos para que um corpo de 1 km venha a colidir com a Terra. No caso do seu exemplo de 10 km, o intervalo de tempo estimado foi de um impacto a cada dezenas de milhões de anos. Só isso já tornaria suspeita a colisão de um objeto dessas proporções com este Planeta.
- Mesmo se não fosse assim, não seria possível utilizá-los pois causariam uma tremenda catástrofe!
- Sim! Por isso terei de ser “cirúrgico”! A Organização das Nações Unidas sabe da existência de muitos corpos “pequenos” além dos que mencionei, devido a sonda Dawn, da Nasa, que visitou *Vesta* e *Ceres* entre 2017 e 2018. Também poderia utilizar o cinturão de Kuiper, de onde vem o cometa Halley, que possui objetos pequenos e está entre 30 e 100 unidades astronômicas⁷ da Terra, mas dada a distância teria que acelerar muito os “projéteis” o que aumentaria sua força destrutiva. Também devido a distância excluí a *nuvem de Oort* como origem do “bombardeiro”, que por ser esférica me permitiria lançá-los de lá em qualquer ângulo ou direção sem necessidade de justificativa científica plausível. Por tudo isso a melhor opção é a que citei anteriormente. A única consequência será a possível alteração da distribuição de probabilidade considerada pelos astrônomos de 1 em

2.500 anos da queda de objetos com cerca de 100 metros de diâmetro, que é o tamanho médio que optei por utilizar, e que cairão em grande quantidade de uma só vez.

- E para onde você direcionar essa “pedra”, algum centro populacional?
- Claro que não! Será um lugar onde os efeitos da queda serão impossíveis de ser encobertos por qualquer governo, um com muita exposição pública, mas não há a necessidade de vítimas, só da comprovação de uma ameaça de nível global que motive os povos a se unirem em prol de um objetivo comum: a sobrevivência. Vou ajustar a velocidade do bólido para que os efeitos não sejam por demais catastróficos, nem deveras insignificantes para que consiga meu intento.
- Após testemunhar os efeitos desse evento em meu mundo e confirmar a criação de um espírito de cooperação entre as nações que os afastará da futilidade da guerra e de outros desvios sociológicos comportamentais indesejados, estarei pronto para acompanhá-lo em uma viagem para a IC 2118 como você queria.

FALAR SOBRE:

Passar um bom tempo no mundo real e, no último capítulo, no espaço entre raças alienígenas, após deixar as sementes de uma sociedade utópica na Terra.

¹ Trabalho ou especialidade em francês.

² Salto quântico. Um método por intermédio do qual o tempo pode ser definido de uma forma diferente da usual.

³ Segundo o novo acordo ortográfico, o vocábulo “voo”, não possui mais acento circunflexo.

⁴ NPCs ou *non-player character* são jogadores administrados pela inteligência artificial do jogo e que não podem ser controlados pelos usuários.

⁵ Dâmocles era um bajulador da corte do tirano Dionísio, que certa feita ofereceu-se para trocar de lugar com ele por um dia. Entretanto, para que aquele conhecesse como era pesada e efêmera a vida de um governante, apesar de todo o luxo e riqueza a sua disposição, mandou que sobre sua cabeça fosse equilibrada uma pesada e afiada espada apoiada apenas no fio do rabo de um cavalo. Ao ver a arma diretamente sobre sua cabeça, Dâmocles imediatamente abdicou de seu posto e de todas as suas regalias não desejando mais ficar nem mesmo um dia naquela situação.

⁶ Evento que ocorre desde 1991, realizado anualmente, com demonstrações práticas do Teste de Turing.

⁷ Uma unidade astronômica é cerca de 150 milhões de quilômetros, que é a distância aproximada entre a Terra e o Sol.